

# Contribuições e implicações das teorias lingüísticas para o ensino de línguas estrangeiras: uma análise dos métodos

Annallena de Souza Guedes<sup>1</sup> e Mirella Patrícia Chaves Lima<sup>2</sup>

<sup>1</sup>IFBA

Ilhéus, BA, 45650000, Brasil

<sup>2</sup>IFBA

Porto Seguro, BA, 45810000, Brasil

[annallenaquedes@ifba.edu.br](mailto:annallenaquedes@ifba.edu.br), [mirellalima@ifba.edu.br](mailto:mirellalima@ifba.edu.br)

## RESUMO

O ensino de línguas estrangeiras (LE) tem sido amplamente discutido por pesquisadores e professores no cenário (inter) nacional, na tentativa de se encontrar caminhos que viabilizem o desenvolvimento das possibilidades de lidar com a língua nos seus mais diversos usos. As diferentes teorias lingüísticas influenciam o foco dos métodos de ensino de línguas estrangeiras [1]. Dentre os pesquisadores, alguns priorizam o desenvolvimento da habilidade oral e consideram que as práticas de leitura e escrita devam ser implementadas como atividades secundárias. Outros estudiosos, por sua vez, sugerem que o enfoque do ensino deva estar voltado, de modo geral, para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, realçando a natureza social, interativa e dinâmica de toda e qualquer língua em uso. Ademais, há aqueles que enfatizam o ensino da gramática, considerando-a como mera descrição das regras que determinam a estrutura da língua. Com o advento das pesquisas no campo da Linguística, surgem novas concepções, premissas e orientações que norteiam o processo de ensino e aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Pensando nestas questões, este texto discute de que modo os princípios gerais da Linguística Estruturalista, Gerativista e Funcionalista têm influenciado os métodos de ensino de línguas estrangeiras ao longo dos anos. Busca-se assim, apresentar e discutir o surgimento, os pressupostos teóricos e as práticas adotadas pelos diversos métodos de ensino até então elaborados. Ademais, pretende-se discutir que concepções de língua, linguagem e sujeito estão subjacentes a tais métodos, bem como entender quais suas implicações práticas para o panorama atual de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de línguas estrangeiras (LE) tem sido amplamente discutido por pesquisadores e professores no cenário (inter) nacional, na tentativa de se encontrar caminhos que viabilizem o desenvolvimento, com alunos, de habilidades de lidar com a língua nos seus mais diversos usos. Partindo desse pressuposto, esse texto se propõe a discutir e analisar os princípios gerais de algumas teorias lingüísticas (teorias que não tratam de ensino) subjacentes em alguns métodos de ensino de línguas estrangeiras.

Com esse objetivo em mente, apresentaremos: i) considerações sobre o surgimento dos métodos de ensino de línguas estrangeiras; ii) apresentação de tais métodos, através dos quais serão analisadas as contribuições e implicações de algumas teorias lingüísticas, bem como as concepções de língua, linguagem e sujeito que os norteiam;

iii) discussões sobre o lugar do método no ensino de LE e as implicações da influência das teorias para o panorama atual da área de ensino-aprendizagem de línguas.

## 2 COMO SURGIRAM OS MÉTODOS DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Os métodos de ensino de línguas estrangeiras surgiram da necessidade de sistematização do ensino de línguas que vigorava no século XIX. A maior parte deles foi fortemente influenciada por teorias advindas da Linguística, da Psicologia, principalmente da Psicologia da Educação e, também, da Sociologia e da Sociolingüística, entre outras ciências e disciplinas, conforme atesta [2]. Contudo, o enfoque aqui será dado à influência da Linguística na caracterização de tais métodos.

[3] enfatiza que os defensores e adeptos de um método novo “negavam a validade” dos anteriores, como se adotar um único método para o ensino de línguas fosse possível. Desse modo, os métodos eram desenvolvidos, descritos, analisados, criticados e renovados, uma vez que se acreditava no sucesso ou insucesso de um método para todos os contextos [4] Ao contrário do que era desejado por muitos, o desenvolvimento de novos métodos de ensino de línguas estrangeiras não significou o fim de problemas e obstáculos relacionados ao processo de ensino/aprendizagem.

### 3 ESTRUTURALISMO, GERATIVISMO E O MÉTODO

Também conhecido como Método de Gramática-Tradução, o Método Tradicional teve seu início no século XIX e tinha como objetivo a transmissão de conteúdo sobre a língua, o que permitia o acesso a textos literários e ao domínio da gramática normativa através de atividades de versão e tradução, utilizando-se da gramática e do dicionário como instrumentos de aprendizagem. As estruturas eram trabalhadas de forma dedutiva, ou seja, o professor explica as regras e os alunos as aplicam por meio de exercícios gramaticais tradicionais.

Neste método, percebe-se que a língua é colocada apenas do ponto de vista da estrutura e da sua descrição fonético-fonológica e gramatical.

Na perspectiva Estruturalista, surgida no século XX, o ensino de línguas resume-se ao ensino das formas lingüísticas, uma vez que a língua é tida como um sistema e o foco era a descrição dos sistemas lingüísticos.

Assim, o objetivo do ensino através desta perspectiva, era apenas de levar os alunos a memorizarem regras gramaticais e vocabulário sem a menor preocupação de trabalhar com a língua levando em consideração os aspectos sociais, discursivos e ideológicos.

Na Europa, a partir de Saussure e nos Estados Unidos através de Bloomfield, o Estruturalismo caracteriza-se pela centralização em torno desta concepção de língua como sistema.

[5] enfatiza que os lingüistas de tradição saussuriana não levam em conta a vida social dos falantes. Transpondo essa questão para o ensino de línguas, particularmente o de LE,

percebe-se que este, na maioria das vezes, desconsidera os aspectos histórico-sociais, insistindo no isolamento de itens lingüísticos, o que implica na visão de língua apenas como sistema de códigos.

Pode-se afirmar que, o ensino de LE tem sido por muito tempo equivocadamente relegado como ensino de regras gramaticais, pela qual se analisa a língua apenas do ponto de vista da materialidade lingüística. Desse modo, o ensino-aprendizagem volta-se para a leitura e a escrita, bem como para as regras gramaticais através da dedução, sem considerar o contexto e o uso social da língua.

Na década de 60, por sua vez, Chomsky elabora o paradigma gerativista entendendo a língua como “objeto biológico” e propõe uma teoria dedutiva que busca identificar os conhecimentos que os falantes possuem que os permitem usar a língua, isto é, a *competência* lingüística. A partir deste paradigma, a Linguística passa do nível de descrição para o de construção de um modelo preditivo, cujo foco deixa de ser a Fonologia e passa a ser a Sintaxe.

Contudo, a perspectiva gerativa continua sem qualquer preocupação com a função social da língua, ou seja, havia uma insistência de estudo de língua enquanto estudo de regras gramaticais, o que implicou na reiteração de uma visão estrutural.

Assim, pode-se evidenciar que o Estruturalismo e o Gerativismo, apesar de não terem sido teorias que dessem conta das questões de ensino, foram importantes na delimitação dos princípios de alguns métodos de ensino de LE.

### 4 MÉTODO ÁUDIO-LINGUAL

O Método Áudio-Lingual tem suas bases no Behaviorismo (Comportamentalismo) e no Estruturalismo, o que implica ainda na visão de língua como forma/estrutura. Elaborado por Bloomfield, os princípios gerais deste método centram-se na busca da pronúncia perfeita, do estudo de vocabulário e gramática e da produção oral anterior a produção escrita. Assim, o objetivo principal era levar o aluno a comunicar-se na língua alvo através da formação de novos hábitos lingüísticos, tendo o professor a função de controlar e tentar evitar o erro do aluno.

Esse Movimento teve grande êxito durante a 2ª Guerra Mundial, mas por não dar conta de “atender à demanda do movimento comunicativo” [1], começa a entrar em declínio. Houve, assim, uma mudança, segundo [6]: “do paradigma linguístico, ou seja, da competência linguística para a competência comunicativa”, entendendo, em uma perspectiva genérica, competência linguística como a capacidade do indivíduo de usar a língua através de frases e enunciados e a competência comunicativa como aquela que possibilita os indivíduos utilizarem a língua para se comunicar nas mais diversas situações.

## 5 MÉTODO COMUNICATIVO

Em resposta a caracterização mental de Chomsky, surge o termo “*competência comunicativa*” [7], considerando competente o indivíduo que sabe usar as regras discursivas do contexto em que se insere. Caracterizou-se assim uma mudança de Mentalismo para Funcionalismo.

Mentalismo aqui é entendido como a capacidade que uma criança tem de “interpretar” o que nunca antes lhe fora dito, atribuindo-se isso à estrutura da mente humana, cujas raízes são gerativas, ao passo que Funcionalismo se coloca como

Travaglia [8] define competência comunicativa como “a capacidade ou habilidade de usar a língua de forma adequada às diferentes situações de interação comunicativa a fim de produzir, usando textos, os efeitos de sentido desejados em cada situação de interação para se comunicar com o outro.”

Diante disso, pode-se perceber que o Método Comunicativo é subsidiado pela Teoria Funcionalista, na qual as estruturas são advindas do uso da língua, ou seja, da comunicação na situação social. Assim, o ensino de línguas baseado nessa perspectiva, volta-se para o ensino das funções linguísticas e não somente das formas linguísticas como fizera os métodos anteriores. Não se quer com isso corroborar para uma visão de mudança radical de *forma* para *função*, uma vez que no ensino de línguas, sobretudo no de LE há a necessidade de se trabalhar com as duas perspectivas. O que se pretende, contudo é demonstrar a mudança de concepção de linguagem como recurso de interação social, visto que o objeto de estudo do

Funcionalismo centra-se na relação entre a estrutura da língua e seus fins comunicativos.

Levando em consideração os argumentos aqui expostos, pode-se afirmar que a concepção de linguagem na perspectiva comunicativa, continua ainda sendo vista como instrumento de comunicação e o sujeito é tido como assujeitado, pois aprende a usar a língua através de situações previamente determinadas.

## 6 O LUGAR DOS MÉTODOS DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS HOJE

Os métodos de ensino de línguas estrangeiras ao longo dos anos foram atravessados por concepções e premissas de algumas correntes linguísticas, como se tentou demonstrar no decorrer deste texto.

Segundo [9], em entrevista cedida à Revista Escola de setembro de 2010, a situação no ensino de línguas estrangeiras, particularmente no ensino de inglês como LE, “tende a se reverter com o fim da crença de muitos professores na existência do que costumam chamar de “o melhor método”.

Há algum tempo atrás, a preocupação do ensino, segundo ela, centrava-se no que e como ensinar. Hoje, o conceito de linguística aplicada permitiu que essas categorizações fossem ressignificadas, importando assim a preocupação no *para que* e *por que* se precisa da língua estrangeira e por que ela é necessária ao currículo.

Assim, o professor precisa aplicar princípios de aprendizagem que dêem conta da realidade de cada sala de aula. Corroboramos, desse modo, com o que Kumaradivelu [10] chama de *era pós-método*, onde existe a necessidade de criação de um modelo coerente que permita ao professor utilizar na sua prática uma educação sensível ao contexto, possibilitando a construção de suas próprias teorias e práticas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferentes teorias linguísticas – estrutural, gerativa e funcional - apesar de não terem sido teorias que dessem conta das questões de ensino mostraram-se decisivas na

delimitação dos princípios de alguns métodos de ensino de LE.

Considerando o exposto, pode-se afirmar o quão importante as teorias da linguagem foram para o surgimento dos diferentes métodos de ensino de línguas estrangeiras. Vale lembrar que, somente o estudo estrutural da língua não garante ao aluno de LE a possibilidade de se pensar as questões sociais, históricas, discursivas e ideológicas, pelas quais perpassa o ensino-aprendizagem de línguas.

A dificuldade em se adotar uma única abordagem metodológica como norteadora das práticas é sempre um desafio para o professor, visto que não existe um método pronto, perfeito, que dê conta de atender às necessidades das salas de aulas de línguas estrangeiras.

Cabe, portanto, ao professor de línguas estrangeiras tomar decisões, avaliar o processo de ensino/aprendizagem [2] para que analise de modo crítico e reflexivo as metodologias e abordagens que melhor dêem conta da realidade de seus alunos, entendendo-os como sujeitos histórico- críticos e sociais.

*Communicative Approach to Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1979.

- [8] TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática: ensino plural. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- [9] Revista Nova Escola. Entrevista à Profª Maria Antonieta Alba Celani. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml>. Acesso em 29 de novembro de 2010.
- [10] KUMARADIVELU, B. *The post-method: (E)merging strategies for second/foreign language teaching*. In: TESOL Quarterly 28, 1994.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Richards, J. C. & Rodgers, T.S. *Approaches and Methods in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- [2] Vilaça, M. L. C. Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. Volume VII. Número XXVI. Jul-Set 2008.
- [3] Prator, C. H. *The Cornerstones of method*. In: Murcia, M.C & McIntosh, L. *Teaching English as a Second or Foreign Language*. Newbury House Publishers, 1979, p. 5-16.
- [4] NUNAN, D. *Language teaching methodology: a textbook for teachers*. Nova York e Londres: Phoenix ELT, 1995.
- [5] LABOV, W. Padrões Sociolinguísticos. Traduzido por Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. Parábola Editorial, São Paulo: 2008.
- [6] FRANCO, Claudio de Paiva. *O uso de um ambiente virtual de aprendizagem no ensino de inglês: além dos limites da sala de aula presencial*. Dissertação de Mestrado, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009. 278p. Disponível em: <<http://claudiofranco.com.br/dissertacao.pdf>>, acesso em 27.09.2010.
- [7] HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. *The*